

Passado e presente, imprecisões do tempo e da história em *As naus*, de António Lobo Antunes

Suzana Costa da Silva
Unigranrio

Resumo

Este artigo tem como objetivo principal entender, a partir da análise do romance *As naus* (1988), de António Lobo Antunes, as faces do sujeito pós-moderno e suas escolhas diante de uma sociedade líquida e fluida. Nesse romance, homens da contemporaneidade e mitos da história encontram-se em um tempo comum e convivem naturalmente na cidade de Lisboa. Alguns personagens servem de base para a reflexão de uma sociedade fragmentada e marcada pelo deslocamento constante dos sujeitos que a compõem. Mostraremos ainda como, na obra, o passado é utilizado para se desconstruir criticamente o presente, através da metaficção historiográfica. Em suma, o desembarque desprovido de glória em Lisboa dos antigos heróis ilustres, cinco séculos depois de terem partido, é o fato culminante dessa elaborada antiepopéia.

Palavras-chaves: metaficção historiográfica; pós-moderno; *As naus*; António Lobo Antunes.

Abstract

Through the analysis of the novel *Return of the Caravels* (1988), by Antonio Lobo Antunes, this study aims to shed light on the nuances of a post-modern character and his decisions in the context of a liquid and fluid society. The novel sets an anachronism in which individuals from contemporary times and ancient Portuguese myths naturally coexist in the city of Lisbon. Some of the characters in this novel are the focus of this study, which examines a fragmented society marked by the constant displacement of individuals who compose it. In furthermore, this article discusses how, through historiographic metafiction, past events are used for a critical deconstruction of the present society. In short, this intricate anti-epic novel culminates in the dishonored return of Portugal's legendary heroes to the city of Lisbon five centuries later.

Key-words: historiographic metafiction; postmodern; *Return of the Caravels*; António Lobo Antunes.

Em que século é que você julga que vive?

As naus, Lobo Antunes

A Revolução de Abril de 1974, em Lisboa, desencadeou uma série de mudanças no contexto do país. A grande conquista atribuída ao 25 de Abril foi o fim do regime ditatorial de Salazar e, por consequência, o fim da exploração em África, uma vez que o mundo pressionava Portugal, colocando-se a favor da independência das colônias, e divulgava opiniões contrárias a essa exploração. Muitos militares e universitários foram às ruas de Lisboa lutar pelo fim da ditadura, conhecida como Estado Novo português, que seguia por 48 anos ininterruptos. Com a queda do regime, as colônias portuguesas em África conquistaram sua independência. A única opção do povo português e de seus descendentes, que viviam especialmente em Angola e Moçambique, era deixar o continente africano e voltar à sua terra natal, lotando os portos e aeroportos da cidade da Revolução.

O material de extração histórica escolhido por Lobo Antunes para construir seu enredo ficcional, a que denominou *As naus*, foi o retorno desses milhares de portugueses e de seus descendentes a Portugal, logo após o fim da Guerra Colonial, em 1975. Logo, a última faísca do grande Império português se desfez quando, finalmente, as derradeiras colônias portuguesas no continente africano se tornaram independentes.

Os retornados, como passaram a ser chamados os portugueses que buscavam refúgio em sua terra natal, não possuíam opção a não ser deixar o continente africano, após viverem da exploração dos recursos e dos indivíduos. Com o acordo de independência, nenhum tipo de exploração seria tolerado e, sem o poder de outrora, os colonos saíram às pressas para evitar enfrentamentos com os ex-colonizados, agora povos independentes. Em pé de igualdade aos africanos, os papéis se alteraram, e a decisão mais sensata seria o retorno à terra portuguesa, fato que ocasionou a saída de mais de meio milhão de pessoas do continente africano após a Revolução de 1974. Depauperados, muitos dos retornados eram pessoas de idade avançada, que apostaram suas vidas nas colônias e nas riquezas que elas poderiam proporcionar.

As naus é um romance publicado em 1988 e, segundo Ana Paula Arnaut¹ (2008), pertence ao ciclo das antiepopéias. Em *As naus*, vamos encontrar grandes personalidades dos séculos XV e XVI da história de Portugal, que viveram o ápice das navegações ocorridas nesses séculos, num retorno inusitado, uma vez que esses personagens voltam a Portugal no século XX, após terem passado pela África.

¹ Ana Paula Arnaut, professora da Universidade de Coimbra, é atualmente uma especialista renomada na obra do escritor António Lobo Antunes.

Lobo Antunes retrata, nessa obra, um universo novo, repleto de tempos e vozes distintas desses agora ilustres desconhecidos que se entrecruzam para falar dos dissabores do retorno. Embora o tema seja traumático para a história portuguesa, o romance possui uma irreverência, em função da comicidade agregada às circunstâncias desse retorno. Assim, o elemento cômico será igualmente analisado nesse romance, que articula história e paródia. Nesse sentido, como intertexto a que a paródia se refere, está presente *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, representando a épica da viagem, o livro da nacionalidade.

Falar de *As naus* é reportar-se à chamada segunda fase da obra antuniana,² segundo Arnaut, que coincide com o momento em que escrever sobre o país era necessário. Quando de sua publicação, fazia apenas dois anos que Portugal estava inserido na Comunidade Econômica Europeia³ e, até então, era apenas visto como uma grande jangada de pedra vogando ao mar.

Durante quase todo o século XX, o salazarismo promoveu e reforçou a imagem, já desgastada para alguns, de que Portugal era um país imperialista. Embora pobres e periféricos em relação ao continente europeu, a sua imagem oficial era ainda a de um império além-mar. Com a volta dos retornados e o fim do passado glorioso, a imagem imperialista rasurou-se. Assim, a Revolução dos Cravos e o fim da guerra colonial em África enredaram uma série de consequências inevitáveis para a história de portugueses e descendentes que viviam em solo africano. O retorno seria necessário, na história e na ficção.

Nessa obra de Lobo Antunes, os que retornam são personalidades da história e da literatura portuguesa que cruzam novamente o mar em sentido a uma nova aventura, desta vez, de volta para casa. O romance constitui-se então uma epopeia às avessas, sem fama e sem glória, que traz consigo nomes ilustres de um tempo que se perdeu no mar, como comenta Inês Pedrosa:

Imagine que os retornados voltaram nas naus que sobraram aos naufrágios, e que os caixotes que se acumulavam em Alcântara tinham escritos nomes destes: Luís de

² A primeira fase da obra antuniana é descrita por Ana Paula Arnaut como “Autobiográfica”, em que as obras do autor se assemelham muito a sua vida.

³ Antigo nome da organização internacional que existiu de 1958 até 1993, quando tornou-se União Europeia.

Camões, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Diogo Cão, Francisco Xavier, Manuel de Sepúlveda (PEDROSA, 1988, p.70).⁴

De acordo com Alcmeno Bastos, em *Introdução ao romance histórico*, diante de nomes de sujeitos históricos famosos citados em um romance, não há como manter a neutralidade na leitura, e em *As naus* não seria diferente:

Tomando o universo ficcional por si mesmo [...] é impossível deparar com uma personagem de romance que se chame, por exemplo, *Getúlio Vargas*, *Napoleão Bonaparte* ou *Joana d'Arc* e encará-la com a mesma neutralidade com que nos vemos de frente com outra personagem que, singelamente ou não, atenda pelo nome de *João da Silva*, *Bentinho* ou *Ema Bovary* (BASTOS, 2007, p.84; destaques no original).

Isso acontece porque o leitor, uma vez conhecendo a biografia de tais personalidades, pode emitir opinião e ter ideia inicial, aprofundada ou não, sobre o personagem histórico, e o romance pode vir a alterar a imagem prévia que se tinha sobre ele.

Na obra estudada, o leitor possui conhecimento histórico e escolar da maioria dos personagens e não há como se manter incólume diante do rei D. Manuel, “O bem aventurado”,⁵ irreconhecível, a percorrer a cidade com sua coroa de lata, de D. Sebastião, esfaqueado no Marrocos, ou mesmo Pedro Álvares Cabral sendo interrogado pelo escrivão da puridade: “Pedro Álvares quê?” (ANTUNES, 1990, p.14). Todas as informações fornecidas no enredo causam um verdadeiro estranhamento diante do conhecimento prévio desses personagens e de sua inversão, recurso típico da carnavalização.

A quebra de paradigmas está presente em todo o romance. A começar pela sobreposição de tempos diversos, personalidades de épocas remotas e recentes a se cruzarem em Portugal do século XX. Esse país pioneiro das Grandes Navegações viveu em função do lucro das colônias durante séculos, mas durante anos de ditadura militar não concentrou renda aos cofres públicos e, no enredo de Lobo Antunes, se encontrava no caos, sem estrutura sequer para receber os colonos que um dia enviou à África para

⁴ Apud Ramos, 2001.

⁵ Como fora chamado durante seu reinado.

que ganhassem a vida: “Acabaram-se os sonhos. Agora só nos restam as pataniscas e as rabanadas”.⁶

Para Eduardo Lourenço, a Revolução de Abril restituiu ao povo português uma reafirmação dos valores patrióticos, dado o trauma causado por mais de quatro décadas de ditadura no país. A história sustentava o povo português e oferecia-lhe um lugar-comum em relação à outra Europa, alçando o país às grandes potências, ao conservar a glória do pioneirismo colonial, como pode ser confirmado em seu ensaio *O labirinto da saudade*. Psicanálise mítica do destino português:

A actual imagem aos olhos dos Portugueses aparece-lhe de novo, mau grado a insistência e a luta pela dignidade nacional, pela recuperação das suas possibilidades económicas, sociais e culturais, de molde a torná-lo um parceiro internacional à altura do seu longo passado, como eivada de estigmas e carências, cuja recordação pesa na nossa memória colectiva (LOURENÇO, 1991, p.64).

A literatura que se convencionou chamar “pós-moderna”, na qual se insere a metaficção historiográfica, fornece ao texto literário características de um passado revivido em um tempo presente. Nessas narrativas, o tempo não é linear, não segue a ordem cronológica, mas um tempo necessário à narrativa. E chega-se à conclusão de que o mais importante não é a visão e a lembrança do passado, mas a utilização dele para o conhecimento do futuro, como estabelecido por Linda Hutcheon, em seus estudos sobre literatura e pós-modernidade.

De acordo com Hutcheon, “O passado realmente existiu, mas hoje só podemos ‘conhecer’ esse passado por meio de seus textos, e aí se situa seu vínculo com o literário” (HUTCHEON, 1991, p.168). Dessa maneira, *As naus* condicionam o leitor aos momentos históricos escolhidos por Lobo Antunes, que trata, através de sua linguagem peculiar, a trajetória de personagens de diversas épocas, que jamais se cruzariam a não ser pela estrutura literária.

A metaficção historiográfica é um tipo de narrativa que pertence à pós-modernidade que, ao recontar o passado como meio de compreender o presente, já

⁶ Depoimento de um “retornado” ao desembarcar no fervilhante aeroporto de Lisboa, fugido de Angola, no verão de 1975. Disponível em: <http://retornadosdafrica.blogspot.com.br/2013/09/independencia-e-fuga-de-angola.html>. Acesso em: 12/09/2013

revela uma característica carregada de intencionalidade. Partindo da ideia de que tudo é discurso, Linda Hutcheon completa sua definição de metaficção historiográfica, baseando-se nos pressupostos de que não há uma verdade única, mas um conjunto de histórias tidas como oficiais ou abarcadas pela ficção, como pode ser confirmado no trecho que se segue:

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade (HUTCHEON, 1991, p.127).

Em um labiríntico cruzamento de tempos, o romance de Antunes apresenta um enredo inverossímil, com estranhamentos, que, no decorrer da leitura, se incorporam à realidade descrita. Estranhar, para os retornados de *As naus*, é rever a cidade em que nasceram hostilizar-lhes, como se não pertencessem àquele lugar, apesar de toda sua familiaridade.

Em suas concepções sobre o ‘estranho’, Freud discute a presença do medo, remetendo à ideia de estranho ao que já se conhece, portanto, ao que é familiar: “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e *há muito familiar*” (FREUD, 1919, v. XVII; destaques no original). Os retornados estão diante de uma pátria estrangeira, logo, estranha, sendo eles próprios estranhos entre si. Desta maneira conclui-se que “o romance de Antunes, distorcendo o que é familiar, coloca diante dos nossos olhos o estranho, o insólito da história, para que sejamos obrigados a vê-lo sob desusados ângulos” (AMORIM, 2009, p.31).

Outro fator de estranhamento, agora para o leitor, é o fato de os retornados não se darem conta de que o tempo passou. Vivem inertes em um tempo próprio, que começa, para a maioria dos personagens, nos séculos XV e XVI, com a partida das caravelas das grandes navegações e continua com a chegada em terra firme, de volta ao ponto de partida. Se um salto de quase cinco séculos foi dado, isso não faz diferença aos personagens de *As naus* que se mantêm incólumes ao choque de gerações e à passagem do tempo.

Em *As naus*, o sujeito é aquele marcado por desenganos e atingido diretamente pela aceleração da vida moderna. Diferentemente do homem do nosso tempo, o

“indivíduo soberano” (HALL, 2002 p.25), surgido com o advento do Iluminismo, transformou os homens, antes sujeitos ao poder e à vontade divina, em seres individuais, centralizadores de ideias e cada vez mais localizados no meio em que viviam. Esse indivíduo centrado perdeu seu lugar na contemporaneidade, e no romance de Antunes é possível perceber essa perda do lugar central da identidade uma vez que os personagens estão sempre à margem e perdem suas identidades, tendo sido outrora o centro da história. Os retornados buscavam uma identificação já perdida, uma vez que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2002, p.12).

Diante da sociedade portuguesa em mudança e do vazio que se cria em torno do fim do Império colonial, os regressados sentiram-se isolados e excluídos da nova metrópole, da razão de viver. O tempo entre a partida e o retorno foi crucial para a transformação de toda sociedade. Portugal não era mais aquela terra de que tinham saído, mas outra. Não poderia ser a mesma, pois os homens não eram mais os mesmos.

A presença do passado é assunto marcante em toda essa narrativa de Lobo Antunes. Os fatos, os personagens e as situações remetem ao período das grandes navegações, referenciado agora por um viés, por vezes, glorioso e um tanto saudosos. O passado é representado na obra pela figura das personalidades históricas que retornam, com suas vestes, falas e indumentárias, enquanto o presente é relatado a partir de monumentos, ruas, objetos criados com a modernidade. Esses tempos convivem sem choques de realidade, pois personagens do passado convivem com homens do presente, mas cada sujeito permanece indiferente ao outro.

Toda a história e sensibilidade dos portugueses, durante séculos, ficaram marcadas pela travessia a outras terras. Nesse sentido, o mar, por onde todos passaram, não constituía para esse povo apenas um território desconhecido e inóspito a ser enfrentado, mas uma extensão das terras portuguesas. Era o caminho, um prolongamento da estrada e no mar estaria a salvação, ou melhor, de lá retornaria D. Sebastião. No romance de Antunes, encontra-se essa referência crítica ao fascínio que o mar, como extensão do território português, exerce sobre a cultura portuguesa. A crítica era implícita, mas factual, era hora de o país voltar para si mesmo, virar às costas para o oceano, para as navegações e para os grandes feitos, era hora de esquecer o passado e começar a viver o presente: a glória acabou, o que resta são migalhas das lembranças,

apenas memórias de um povo que ainda não sabe o que esperar do futuro. Ou seja, era preciso mesmo começar o ano 1 da nova história de Portugal (PIRES, 1977).

O livro *Poética do pós-modernismo*, de Linda Hutcheon (1991), traz conceitos acerca da escrita contemporânea, e seus argumentos permitem encaixar o romance estudado aos moldes da poética e estética pós-modernas, estudados pela autora. Hutcheon sublinha a ideia de que o pós-modernismo não pretende romper com o que se entende por convencional, mas marcar seu espaço e introduzir, na atualidade literária, a fala de um indivíduo moderno, fragmentado e desestruturado, fato que estabelecerá definitivamente esse novo tipo de leitura.

De acordo com Linda Hutcheon, a escrita pós-moderna engloba a paródia como meio de questionamento de um passado sacralizado. Carnavalizado e parodiado, o passado, em *As naus*, é posto novamente em discussão quando lembranças de diversos personagens históricos destituem-nos da glória e da fama que os portugueses ajudaram a exaltar.

O passado só pode ser reconhecido a partir dos resquícios e vestígios da história, é contado e recontado por vozes que exaltam o poderio de uma nação. A história, pelo menos até o aparecimento da História Nova, na década de 1930, sempre era referida como um passado glorioso. Nesse sentido, a épica, como um poema que narra os grandes feitos de um herói épico, representante máximo de uma coletividade, também destacava o poderio de um povo. A épica camoniana, feita no século XVI, época em que já se associava a povo a noção de um sentido de pátria, tornava também a pátria uma espécie de herói épico. N'Os *Lusíadas*, de Luís de Camões (1982), temos a 'pátria lusitana'. Em *As naus*, temos o reverso da epopeia, o retorno de homens notoriamente perdidos e sós, que buscam a identidade esquecida durante séculos, nos livros e enciclopédias de liceus e, nesse sentido, também não há pátria, nem no presente, nem na história. O romance apresenta uma demolição do passado. Dele só restam personagens deslocados no tempo, perdidos na solidão da contemporaneidade.

Em *Confissões do trapeiro*, organizado por Ana Paula Arnaut (2008), Antunes destaca que, em *As naus*, não há um enredo sobre o retorno e, sim, sobre o fim do Império. Desse modo, o romance enterra o período de feitos gloriosos, marcando o início da antiepopéia dos navegadores portugueses.

Por apresentar em sua narrativa características de um romance pós-moderno, a obra de Antunes situa, em um mesmo plano, o presente e o passado, sem a preocupação com a contagem do tempo real, e em se tratando da manifestação de vozes com mais de

quinhentos anos, isso se torna possível e aceito. Tal estratégia narrativa pode ser facilmente identificada nos trechos que se seguem:

O primeiro amigo que fizeram na Residencial Apóstolo das Índias [...] chamava-se Diogo Cão, tinha trabalhado em Angola de fiscal da Companhia das Águas, e [...] anunciava-me, que há trezentos, ou quatrocentos, ou quinhentos anos comandara as naus do Infante pela Costa de África abaixo. Explicava-me [...] como era difícil viver nesse árduo tempo de oitavas épicas e de deuses zangados, e eu fingia acreditá-lo para não contrariar a susceptibilidade das suas iras de bêbedo, até ao dia em que abriu a mala à minha frente [...] dei com bolorentos mapas antigos e um registo de bordo a desfazer-se (ANTUNES, 1990, p.65).

Diogo Cão, a bordo de suas viagens, fazia alusão a *Os Lusíadas* do próprio Luís de Camões, que também narra suas aventuras ao longo do livro e nada tem a fazer a não ser esperar o tempo passar, perdendo a noção de horas, meses e anos:

O homem de nome Luís permaneceu séculos observando o jogador que se afastava no passinho prudente dos subtis conhecedores do acaso até sumir-se, pardo no céu pardo, além do renque de arbustos paralelos a uma linha de comboio e se perder na desordem iluminada da cidade (ANTUNES, 1990, p.22).

Também Manuel de Sousa de Sepúlveda questiona, impaciente, as lembranças retrógradas de Nuno Álvares Pereira que ouvia de tempos em tempos o som das tropas castelhanas, como se fora de um tempo diferente do rei: “Em que século é que você julga que vive?” (ANTUNES, 1990, p.132).

A simultaneidade temporal em que personagens se reencontram após séculos longe de casa, explorando e trabalhando em terras africanas, é que traz ao romance todo o estranhamento pós-moderno, além de convencer o leitor de que a história dos retornados na criação ficcional é, de todo, verossímil.

Só pode ser compreendido que a história de *As naus* se encaixa no tempo presente pelas excessivas menções às ex-colônias africanas e a referentes próprios da contemporaneidade na contextualização referencial. A Lixboa, descrita no romance, malgrado o registo antigo do topônimo, é uma cidade do século XX. O questionamento de um guarda a Luís de Camões, ao vê-lo transportar e zelar por um caixão à beira-mar, e a menção a produtos eletrônicos também confirmam a simultaneidade temporal:

Um cadáver?, desconfiou o cabo. Um cadáver ou tabaco americano, nosso amigo? Gitanes, Marlboro, anís, perfumes franceses, vermates, uma dúzia de radiozinhos de pilhas japoneses? Você quer convencer-me que traz um cadáver aí? (ANTUNES, 1990, p.28).

Apesar de a cidade, a linguagem e os personagens remeterem ao século das Grandes Navegações, há, em *As naus*, toda a particularidade do mundo moderno e capitalista, como o trecho que se refere às consequências da Revolução de Abril:

Uma manhã o engraxador do café, de voz rente aos sapatos, a estalar o pano do lustro nas biqueiras, informou-o de que haviam sucedido acontecimentos estranhos em Lixboa: o governo mudara, falava-se em dar a independência aos pretos, imagine, os clientes dos folhados de creme e das torradas indignavam-se (ANTUNES, 1990, p.75).

O caráter *plurivocal*⁷ da obra, a que já nos referimos anteriormente, vai, como se sabe, ao encontro da fragmentação pós-moderna, tanto do indivíduo como da sociedade. Não se percebe quem realmente é o narrador, e diversas vozes independentes disputam lugar no discurso. Essa “pluralidade de vozes” corresponde, como observou Seixo, “à pluralidade de sujeitos que encontramos em seus livros” (SEIXO, 2008, v. II, p.597). Um exemplo dessa intercalação entre narrador e personagem pode ser observado no trecho em que Luís narra seus infortúnios e logo surge a presença de outro narrador, de terceira pessoa, a dar continuidade à história:

e *eu* de minhocas no sovaco a vogar pela cidade sem banho nem muda de roupa há mais de um mês, seco de sede, alimentado de restos, *eu* à procura dos cedros de um portão de cemitério, de um bairro de cruces dispersas no escuro com os habitantes esfiando-se em estantes de carvalho. *O homem de nome Luís* misturou-se com os ressuscitados que povoam as trevas de Lixboa... (ANTUNES, 1990, p.93-94, destaques meus).

Os discursos mudam com facilidade, os tempos são frutos das recordações recentes ou antigas, o enredo é transformado a cada página, e o leitor busca, através da relação que se constrói, a partir do plano de relevância, situar a voz que se propõe a narrar. Ora é o narrador onisciente, que narra os infortúnios dos heróis, ora é o próprio personagem a relatar suas experiências e sentimentos particulares. Em outro fragmento da obra, dessa vez focalizando Pedro Álvares Cabral, é possível observar esse aspecto:

e o *meu filho* e eu à espera na sala [...] *eu* abismado numa aquarela que representava uma viúva a contemplar moedas debaixo do duche da claridade de um lampião de rua, até que

⁷ Afirmação feita por Daniel Conte no ensaio *Portugal encalacrado ou do silêncio de uma geração*, Revista Conexão Letras, Vol.2, número 2, 2006. Acesso em <http://www.artistasgauchos.com/conexao/2/cap10.pdf>

as metamorfoseadoras se afastaram da sua vítima esquartejada como se a houvessem reduzido a um molho de tábias secas sem tutano, e *Pedro Álvares Cabral viu* a esposa erguer-se da tábua de melhoramentos plásticos (ANTUNES, 1990, p.173, destaques meus).

Essa quebra de discursos marca e posiciona a obra de Lobo Antunes na pós-modernidade, exemplificando o próprio sujeito dessa nova fase, aquele fragmentado desde a construção de seu discurso. Perdido no tempo e no espaço, esse novo indivíduo, que carrega o estigma de pós-moderno, não se define porque se perde em suas próprias palavras. Perde sua voz para o próprio narrador e, desconcentrado, passa a narrar memórias vividas há séculos como se fossem recordações recentes. Não toma consciência do tempo que se passou nem possui noção da fama que havia tido. Trata-se de um herói sem heroicidade, um mito histórico sem história gloriosa.

Se, como afirma o poeta, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, na obra *As naus*, ao contrário dessa assertiva, os tempos mudaram, e todos os personagens de nomes famosos e gloriosos continuam no mesmo barco ou na mesma nau, como aqueles que partiram há cinco séculos na história de Portugal. Difícil é desembarcar desse universo mítico e enfrentar a realidade de um império roto. Diante desse drama, só resta aos personagens, em uma manhã de nevoeiro, o anúncio impossível do retorno do jovem rei por quem os “colonos sem fortuna” ainda parecem esperar.

Referências

- AMORIM, Cláudia. Loucos, visionários, viciados: o insólito regresso d’*As naus*, de António Lobo Antunes. In: GARCÍA, Flavio; MOTTA, Marcus Alexandre (Org.). *O insólito e seu duplo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- ARNAUT, Ana Paula. *Entrevistas com António Lobo Antunes 1979-2007: Confissões do trapeiro*. Coimbra: Almedina, 2008.
- BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- CONTE, Daniel. *Portugal encalacrado ou do silêncio de uma geração*. Disponível em <http://www.artistasgauchos.com/conexao/2/cap10.pdf>> Acesso em: 10/02/2014.
- FREUD, Sigmund. *O estranho*. Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, [1919]. v. 17.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Trad. Tomas Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora. 2002.
- _____. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Psicanálise mítica do destino português. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- PEDROSA, Inês. Entrevista com António Lobo Antunes. *Revista Ler*, n. 2, 1988, p.70.
- PIRES, José Cardoso. *E agora, José?* Lisboa: Morais Editoras, 1977.

RAMOS, Ana Margarida. A ficção de uma viagem de regresso à pátria. Um olhar sobre *As naus* de António Lobo Antunes. *Revista da Universidade de Aveiro - Letras*, Aveiro, n. 18, p.7-18, 2001.

SEIXO, Maria Alzira. *Dicionário da obra de António Lobo Antunes*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2008. v. 1 e 2.

Minicurrículo

Suzana Costa da Silva é graduada em Letras com habilitação em Literaturas (Unigranrio), pós-graduada em Literatura Portuguesa (Uerj), Mestra em Literatura Portuguesa na linha de pesquisa em literatura pós-colonial (Uerj). É professora do curso de Letras da Universidade do Grande Rio (Unigranrio).